» A escuta sensorial e estética do analista na obra de Víctor Guerra

Víctor Guerra evocava frequentemente seu diálogo com amigos imaginários e agora cabe a nós, na França, dar continuidade a esse diálogo com ele: guardamos um intenso sentimento de sua presença e dos resquícios de trocas apaixonantes com ele. Na Université Lumière Lyon 2, onde ele deu palestras regularmente, dedicamos um colóquio à sua obra na ocasião da publicação de seu livro.

O que primeiro arrebatava na leitura da obra de Guerra é a enorme qualidade de sua escrita que articula de maneira impressionante rigor científico e linguagem poética. Este diálogo íntimo entre o teórico e o poeta que o habita é colocado a serviço da pesquisa psicanalítica. Ele recorre frequentemente à literatura e à poesia sempre que se encontra diante de situações clínicas complexas – as quais ele vai explorar, assim, por esses atalhos.

Entre suas numerosas contribuições, o último capítulo de sua obra trata da escuta sensorial e estética do analista em casos de distúrbios da subjetivação arcaica. O que Víctor Guerra (2018) chama de *subjetivação arcaica* é a maneira pela qual o bebê vai progressivamente formar sua vida pulsional ao longo dos encontros com o objeto. Estes trabalhos mostram como a construção da subjetividade depende da maneira como a vida pulsional do bebê é recebida, acolhida ou rejeitada pelo objeto a que ela visa, assim como da maneira como o objeto traduz, transforma a mensagem subjetiva do bebê. Sua obra mostra como a apropriação subjetiva passa pelas formas da linguagem sensório-motora entre o bebê e seu ambiente primordial e, principalmente, pela *interludicidade* (Guerra, 2018).

Uma das principais originalidades da obra de Víctor Guerra consiste em aproximar o papel desempenhado pela sensorialidade nos processos de subjetivação do lugar que ela ocupa na criação artística. Ele vincula o trabalho do analista ao do poeta ao evocar o impacto estético de uma sessão que o analista escuta também em nível sensorial. Ele se inspira em Octavio Paz para dizer que o analista ouve com os olhos, pensa com a orelha e cheira com a mente, em uma transmodalidade sensorial. Apoiando-se nos textos de Marcelo Viñar, Guerra mostra como a escuta psicanalítica tem correlação estreita com formas de experiências artísticas.

* Diretora do Centre de Recherches en Psychopathologie et Psychologie Clinique. Professora de Psicopatologia e de Psicologia Clínica na Université Lumière Lyon 2.

As tão belas páginas dos textos de Víctor Guerra rememoram como uma abordagem psicanalítica do processo criativo de uma obra torna clara a mobilização de experiências sensoriais arcaicas por parte do criador. Parece-me que o que interessa a Guerra no processo criativo é a maneira pela qual a obra contemporânea tenta, frequentemente, explorar as partes de si que não podem ser conhecidas ou figuráveis, que remetem a catástrofes físicas, a agonias primitivas (Winnicott, 1989/2000). A obra representa, assim, uma tentativa de figuração por parte dos artistas deste estrangeiro em si, dando forma e figura em seu trabalho criador a essas experiências arcaicas que não puderam ser transcritas nem em imagens, nem em palavras: ela é uma verdadeira tentativa de sobrevivência.

Guerra liga este tipo de experiência criativa não somente ao tratamento de bebês, mas aos tratamentos que nos confrontam com zonas de retração da subjetividade, com vivências de ausência total, de vazio, ou com experiências de sofrimento extremo que não se manifestam sob a forma de memórias. Face aos enigmas de certos pacientes, ele recorria à sua intensa convivência com artistas para compreender os processos em marcha. A questão do processo criativo aparece, então, como uma via expressa para explorar nossa prática de psicanalista.

Víctor Guerra (2018) tenta justamente pensar a posição do psicanalista em sua relação com a sensorialidade e a estética, perguntando-se qual é o papel da sensorialidade e do corpo não somente na criação artística, mas na criação do sujeito ao longo de seu processo de subjetivação. Ele define a escuta estética como uma abertura do analista “para os aspectos primários sensoriais e rítmicos da comunicação que têm um valor de descoberta e de reinauguração de um Dizer próprio através de uma palavra, um gesto ou um jogo” (p. 178). Com as crianças autistas, Guerra tem a arte de ir buscá-las compartilhando justamente sensações, cores, uma música. Ele se torna, com elas, “pura sonoridade”, uma “luz brilhante”, uma “superfície acariciada”, como escreveu P. Aulagnier (1986, p. 401).

Eis aqui as últimas linhas de seu livro:

O trabalho analítico com um paciente [...] é também habitar de novo essas palavras de infância. E, a partir do jogo compartilhado, poder manter abrigados os ocios do pensamento para dar à dor e ao vazio uma nova chance de subjetivação no movimento da vida. (Guerra, 2018, p. 194)

É a “vida” quem tem a última palavra. Víctor, sua obra permanecerá profundamente viva em cada um de nós.

REFERÊNCIAS

- Aulagnier, P. (1986). *Un interprète en quête de sens*. Paris: Ramsay.
Guerra, V. (2018). *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse: Érès.
Winnicott, D. W. (2000). *La crainte de l'effondrement et autres situations cliniques*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1989).